

VILÉM FLUSSER

Movimento de massa.

Toda ciência desenvolve, no curso da sua evolução, a sua terminologia. Há, com efeito, uma estreita ligação entre os termos de uma ciência e o seu progresso. Darei um exemplo: Mendel é considerado pai da genética, embora o termo "gen" não apareça nos seus textos. Aparece, isto sim, o termo "Merkmal" (sintoma no sentido de: sinal observável e memorável). O termo conota vagamente características da hereditariedade, mas é tomado emprestado do alemão coloquial, onde sua conotação é muito mais ampla. Surge, no entanto, o problema dos sintomas recessivos, que não são sinais observáveis, ("merken"), mas apenas memoráveis, ("sich merken"). Nada a ambivalência do termo, Morgan introduz o novo termo "gen", e este, por sua vez, gera toda uma série, como "genotipo", "genética", etc., e portanto toda uma maneira de explicar um aspecto da vida. O termo "gen" é por sua vez tomado da palavra latina "genus" e da palavra grega "genos", onde conota vagamente "gênero" ou "maneira". Que aconteceu, no caso? A ciência tomou termos conotativos, transformou-os em denotativos, (isto é: claros e distintos), e lançou mão deles afim de modelar fenômenos a serem explicados. É assim que a ciência progride.

O processo, pelo qual termos são transformados de conotativos em denotativos é, no entanto, reversível. Uma terminologia científica pode voltar para a camada coloquial da língua, e retomar o seu caráter conotativo. Esta volta caracteriza grande parte da conversação atual, e seu efeito é desastroso. O propósito do presente artigo é analisar ligeiramente os efeitos da transformação do termo "movimento de massa" de denotativo em conotativo. Mas antes permitam algumas observações sugeridas pela teoria da comunicação, aplicáveis ao caso.

Distinguirei entre dois canais comunicantes: o primeiro empregará apenas símbolos denotativos, o outro apenas conotativos. (A distinção é teórica, porque todos canais são, na realidade, mais ou menos mistos.) O canal denotativo transmitirá mensagens cujo sentido será claro e distinto, o canal conotativo mensagens, cujo sentido será confuso e concreto. Chamarei a soma dos sentidos das mensagens de um canal: "seu universo". O universo da comunicação denotativa é claro e distinto, porque todo termo aponta um significado nítido e univalente. O universo será "claro", porque consistirá de elementos nítidos, e será "distinto", porque haverá distinção entre todos seus elementos, por próximos que estejam um do outro. O universo da comunicação conotativa será confuso e concreto, porque todo termo lança um cone de significado, (qual holofote). O universo será "confuso", porque consistirá de elementos indelimitáveis, e será concreto, porque os seus elementos tenderão a se conundir, (concretar), um com o outro. O universo da ciência é um exemplo de um universo claro e distinto, o universo da pintura um exemplo de um universo confuso e concreto. (salva-guardada a ressalva mencionada).

Os dois tipos de universo, (que distingui estruturalmente), terão climas diferentes. O clima do primeiro será o do conhecimento, o do segundo o

VILÉM FLUSSER

clima do comportamento. (O problema ~~de~~ kantiano da razão pura e da razão prática reaparece neste contexto.) A diferença de clima é consequência da diferença de estrutura. O universo denotativo é relativamente vazio, (dada a sua distinção, isto é: dados os intervalos entre os seus elementos). É neste universo relativamente pobre que se dá o conhecimento. O universo conotativo é relativamente cheio, (dada a sua concreticidade, isto é: dada a tendência dos seus elementos de se conjuírem). É neste universo relativamente rico que se dá o comportamento. A possibilidade de tradução entre os dois tipos de universo, (à qual aludí), representa, no entanto, uma ponte entre teoria e praxis, (por mais problemática que seja).

Encerro o excuro para a teoria da comunicação, e retomo o tema. O termo "movimento de massa" é denotativo, desde que considerado dentro do contexto da física e de ciências semelhantes. É denotativo, porque tanto "movimento" como "massa" são definíveis e quantificáveis, por exemplo em centímetros, segundos e gramas. O termo denota pois algo num universo claro, distinto e conhecível. É óbvio que, originalmente, o termo fazia parte da comunicação coloquial italiana e franceza, e nela era conotativo. "Movimento" conotava nesse contexto, (e continua conotando), uma região mal definida de significos, o mesmo dando-se com "massa", (incluindo, por exemplo, spaghetti). A física dos séculos 16 e 17 tomou esses termos e transformou-os em denotativos, afim de modelar seu universo claro e distinto. Mas no século 19 surgiu o cientifismo, que é uma tentativa de fazer da ciência um modelo de todo conhecimento e comportamento. A terminologia científica passou pois a ser utilizada coloquialmente, afim de tornar claro e distinto o universo da comunicação conotativa. O cientifismo é uma tentativa de reformar o canal conotativo em denotativo. Como tal, é uma tentativa fracassada. Porque os termos científicos, ao serem transferidos da ciência para o coloquial, voltam a serem conotativos. O termo "movimento de massa" o prova.

O universo do canal conotativo é confuso e concreto, isto é: nele se dão os valores. É o universo das artes, das religiões, da política, e de um determinado tipo de filosofia. O universo do canal denotativo é claro e distinto, isento de valores (wertfrei). É o universo da ciência e de um outro tipo de filosofia. O cientifismo é a tentativa, (inconsciente, por inerente da teoria da comunicação), de aplicar a terminologia denotativa em valores. O resultado é uma falsificação tanto do conhecimento quanto dos valores. É impossível neste sentido, por parte da incomunicabilidade que caracteriza a atualidade.

O termo "movimento de massa" é fundamental na terminologia de várias tendências do século XIX. (Por exemplo o marxismo, do fascismo, de vários tipos de liberalismo.) Foi emprestado da física, e sugere que o cientifismo prefer a física a outros assuntos como modelo de comportamento. No contexto do cientifismo, o termo adquiriu a sua estrutura conotativa, isto é: passa a ser vago. É impossível, por exemplo, querer quantificar "o movimento da massa" em termos de segundos e gramas. Não tem muito sentido

VILÉM FLUSSER

3

dizer que tantas toneladas de estudantes irancezes se deslocaram tantos quilômetros em tantos dias nos acontecimentos recentes. Em compensação, o termo readquire a sua carga emocional, característica da conotação, isto é: do comportamento humano. Mas readquire essa carga de maneira deformada, por que mascarada em terminologia inapropriada. Uma emocionalidade que se toma por "científica" é duplamente irracional, já que não é apenas anterior à razão, mas também posterior a ela. É uma degradação da razão, porque uma degradação da ciência, do seu método, e do seu universo.

Estas considerações, por sugestivas que possam ser, não esgotam, no entanto, o assunto. A transferência de um termo da conotação para a denotação, e vice versa, nunca é completa. Algo da sua significação original sempre continua aderindo. Por exemplo: um estudo analítico certamente revelará nos textos de Galileu o significado conotativo que vibra no termo "movimento de massa", e iluminará os fundamentos do pensamento científico do Renascimento. O mesmo acontece na atual transferência desse termo para o universo conotativo. Embora o termo signifique no contexto político algo quase inteiramente diferente daquilo que significa no contexto da física, o seu significado original continua vibrando nele. Podemos sentir, de alguma maneira, que não está inteiramente fóra de propósito falarmos em toneladas de estudantes, já que falamos em massa de estudantes. Algo da quantificabilidade passou, nesta transferência, para o universo dos valores. E quem diz "quantificabilidade", diz "coisificação", porque diz "manipulabilidade". O movimento de massa dos estudantes pode ser manipulado, por exemplo: pode ser agitado. E este aspecto de coisificação é o mais inquietante, a meu ver, na aplicação de uma terminologia para científica no campo dos valores.

O universo claro e distinto da denotação é um universo de coisas. É por isto que é conhecível, manipulável, e isento de valores. O universo confuso e concreto da conotação é um universo de outros. Não pode ser manipulado, mas exige resposta às provocações imperativas que emite. É o universo das responsabilidades, dos valores. As culturas que vivem apenas em universos conotativos, (as "primitivas"), não têm ciência, têm magia. Tudo, nesses universos, é um outro, e nada é coisa. Pois a transferência de uma terminologia para científica para o universo conotativo elimina os outros. Por exemplo os estudantes, por serem manipuláveis, ("massa"), deixam de ser outros e passam a ser coisas. Não são coisas autênticas, no sentido de serem objetos conhecíveis e manipuláveis cientificamente. Não o são, porque a transferência da terminologia pelo cientifismo foi um fracasso. Mas deixaram de ser outros. É isto que inquieta, porque torna difícil o diálogo, a forma de comunicação entre dois entes que se reconhecem mutuamente, isto é: entre dois que são mutuamente outros, prontos a se alterarem.

O cientifismo, no sentido de aplicação de uma terminologia para científica no campo dos valores, é um fato. Devemos admiti-lo, e admitir que ele é um dos nossos problemas. Por ser problema, é desafio. É um desafio pode ser superado apenas depois de esclarecido. Contribuir para isto foi o propósito deste artigo.